

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
14 e 18 de Setembro de 2020

THE HONEY POT / 1967 (O Perfume do Dinheiro)

um filme de Joseph L. Mankiewicz

Realização: Joseph L. Mankiewicz / **Argumento:** Joseph L. Mankiewicz, a partir da peça *Volpone* de Ben Jonson, da adaptação romanesca da peça por Thomas Sterling (*The Evil of the Day*) e da adaptação dramática deste romance / "Mr. Fox of Venice", de Frederick Knott / **Fotografia:** Gianni di Venanzo / **Montagem:** David Bretherton / **Direcção Artística:** John DeCuir / **Guarda-Roupa:** Rolf Gerard / **Música:** John Addison / **Interpretação:** Rex Harrison (Cecil Fox), Susan Hayward (Lone Star Sheridan), Cliff Robertson (William McFly), Capucine (Princesa), Edie Adams (Merle McGill), Maggie Smith (Sarah Watkins) Adolfo Celli (Inspector Rizzi).

Produção: Charles K. Feldman e Joseph L. Mankiewicz, para Famous Artists Productions-United Artists / **Cópia:** 35mm, cor, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 131 minutos / **Estreia Mundial:** Londres, 21 de Março de 1967 / **Estreia em Portugal:** 2 de Maio de 1968, no cinema S. Jorge.

A sessão de dia 14 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

The Honey Pot representa, antes do mais, o *comeback* de Mankiewicz depois de uma das experiências mais traumatizantes que alguma vez sucedeu a um cineasta americano: **Cleopatra**. Tal afirmação nada tem que ver com o valor estético de **Cleopatra** enquanto obra cinematográfica (cada vez mais se verifica que se trata de um filme genial), mas com a desilusão sentida por Mankiewicz de as suas vontades e opções artísticas não terem sido respeitadas. É natural que tanto o realizador como a indústria cinematográfica se sentissem "escaldados" com o fiasco (imediato) do filme e, por isso, **The Honey Pot** foi um filme de gestação difícil. Mankiewicz encarregou-se de escrever o argumento e declarou, depois de o ter terminado, que nunca escrevera nada com a qualidade desta versão cinematográfica de *Volpone*. Mas as desilusões começaram cedo. Mankiewicz estava a ser estritamente "fiscalizado" para não dar outra bronca semelhante a **Cleopatra** e foi logo obrigado, antes de começarem as filmagens, a fazer cortes e alterações. Este padrão prolongou-se durante grande parte da gestação do filme, de tal modo que Rex Harrison, que conhecia bem o feitio de Mankiewicz, ficou espantado com as mudanças aparentes na personalidade do cineasta. **Cleopatra** tinha minado a famosa auto-confiança do realizador e percebia-se que, a certa altura, com tantas pessoas a oferecer conselhos e sugestões acerca de **Honey Pot**, o próprio autor já não sabia o que queria fazer. Mas claro que um Mankiewicz cansado é na mesma um grande profissional e, em casos fundamentais, a antiga *auctoritas* emergia intacta. Foi o que sucedeu com o problema do director de fotografia, Pietro Portalupi, a quem Mankiewicz não reconhecia competência ou talento. Ao fim de uma semana despediu-o e contratou Gianni di Venanzo, que se tinha celebrado com os trabalhos que fizera para

Antonioni (**La Notte, L'Eclisse**) e Fellini (**Otto e Mezzo**), que se encarregou, claro está, de fazer tudo ao contrário de Portalupi, ou seja, de fazer tudo bem e em consonância com a vontade de Mankiewicz. O único problema foi que Venanzo morreu inesperadamente antes de as filmagens acabarem, o que parece confirmar que Mankiewicz continuava em maré de azar...

Azar que continuou depois da conclusão das filmagens, com a questão controversa da montagem. Algumas das sequências de que o realizador mais gostava foram cortadas por imposição superior. A primeira versão que estreou em Londres, tinha 150 minutos. Para a estreia americana, houve mais cortes, e foi distribuída uma versão com cerca de 130 minutos. Para um filme resistir a estes vandalismos todos e permanecer na mesma um filme espantoso, é porque se trata de uma obra invulgarmente bem conseguida. Efectivamente, é este o caso de **The Honey Pot**. Mankiewicz volta em força com a sintaxe da comédia lubitschiana (nem Lubitsch alguma vez filmou tantas portas!) e com os seus cinismos concomitantes. A concupiscência e a ganância da natureza humana são apresentadas sem rodeios, mas, contrariamente ao que sucede no caso de Lubitsch, há no filme de Mankiewicz menos circunstâncias mitigadoras. **The Honey Pot** é de longe muito mais cruel do que a sátira indulgente de **Cluny Brown**, por exemplo; e Mankiewicz nunca mostra aquele "fraquinho" pelas excentricidades das suas personagens que caracteriza o modo como Lubitsch trata as figuras da sua galeria cinematográfica. Mesmo Sarah Watkins (Maggie Smith absolutamente fabulosa), aparentemente a única personagem "boa" do filme (McFly só parece "bom" nesta versão porque Mankiewicz foi obrigado a retirar do argumento a parte onde se indicava que ele vendia os seus favores sexuais a troco de dinheiro), é tratada com um sarcasmo mordaz, que irrompe no final de forma inesperada e hilariante. Como sempre, Mankiewicz é um genial director de actores, mas o que impressiona mais, afinal de contas, é a perícia com que a história é contada. As várias etapas da narrativa, desde a "Carta a Três Cabras" ("Letter to Three Bitches", chamou-lhe o crítico inglês Alexander Walker) até à reviravolta final, ostentam claramente o "Mankiewicz Touch": diálogos repletos de jogos de palavras cortantes, aquele dom incrível de pôr personagens inventadas a falar, agir e movimentar-se como se fossem reais (**All About Eve** é, neste aspecto, um caso paradigmático), ao mesmo tempo que nunca deixam de ser, nem por um segundo, inconfundivelmente "mankiewiczianas" (afinal de contas, já conhecemos os modelos para praticamente todas as personagens de **The Honey Pot** de **The Barefoot Contessa**). **The Honey Pot**, por ser, devido à sua subtileza, um dos filmes menos "imediatos" de Mankiewicz, é uma obra que ganha estatura à medida que a vamos revendo. Lembro esta circunstância aos espectadores que possam sentir alguma desilusão, assim como a frase final do filme: "*if only - for once - the bloody script turned out the way we wrote it...*"

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico